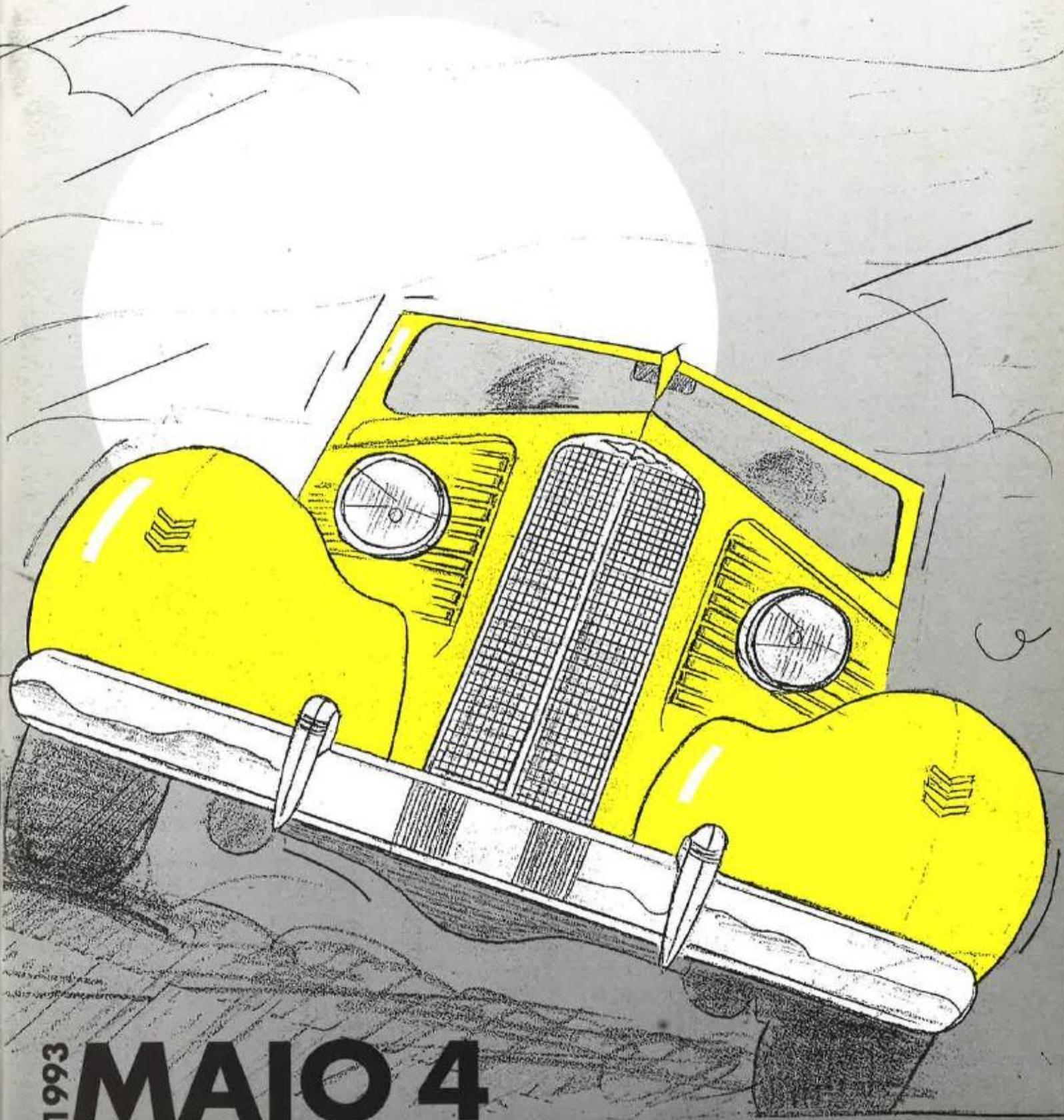


# f e s s o r

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATOSINHOS



1993 **MAIO 4**

# índice

## Ficha Técnica

**Director:** Jorge Lima

**Redacção:** Georgina Teixeira, Rosa Branca Pinheiro

**Propriedade:** PRÓfessor – Centro de Formação de Matosinhos

**Periodicidade:** mensal

**Tiragem:** 1400 exemplares

**Composição:** Georgina Mendes

**Capa:** Helena Teles Viana

**Execução gráfica:** Edições Afrontamento

**Correspondência:** PRÓfessor – Centro de Formação de Professores e Matosinhos

Rua de Damão • 4450 Matosinhos

Tel.: 9381064 • Fax 9379320

Para começar	2
Conhecer melhor	4
• Desequilíbrio sem rede	4
• Escola Secundária de Augusto Gomes – Matosinhos	11
Opinião	14
• O Professor à vista desarmada	14
• A Escola, Amanhã	25
À conversa com...	27
• Teresa Siza	27
Se ainda não sabe tem que ler	30
• Já são financiáveis as acções de 30 horas	30
• Quartas-feiras à noite... em Junho	30
• Temas de História (10º ano)	31
É lei... é lei...	32

# para começar

Brilha-me nos olhos  
quando sinto...

a ternura,  
os sorrisos cúmplices  
das pequenas e das grandes cumplicidades,  
a serenidade,  
a insegurança de começar,  
os laços...

Brilha-me nos olhos  
ajudá-los a reconhecer  
a universalidade de todas as coisas  
que nos une

Brilha-me os olhos  
de missão  
talvez idealista, tanto de sonho, um pouco de artista  
e  
a paixão...  
de ajudar  
as pessoas que são os alunos  
a tornarem-se  
mais pessoas...

Os autocolados,  
os que esgalham de poder em poder,  
sobre isto  
nada sabem...  
é que a mediocridade  
embacia os olhos,  
medra  
e dá  
a incompetência...  
precede-os,  
arrebanha mais cabeças...  
A mediocridade caça cabeças...  
e reduz-lhes o tamanho...

Os autocolados  
quando pensam educação  
fazem-no de cabeça reduzida  
pela mediocridade

e, por isso,  
não têm espaço suficiente  
para a universalidade das coisas,  
nem para o sonho,  
nem para se enternecerem  
ou ousarem paixão...  
para eles,  
um pau de giz,  
um quadro,  
cadeiras,  
mesas,  
luz fiada,  
água fiada  
e algumas telhas,  
são suficientes...  
ah... e, desculpem, alguém à frente dos alunos,  
não lhes importa quem!

Brilha-me nos olhos o podermos  
modificar esse estado de coisas!

Brilha-me nos olhos  
o privilégio  
de ser  
ajudante de compreender o mundo  
e ter  
a capacidade de construir  
para o amanhã de ontem  
um dia mais...

não escolhi ser gerente comercial...  
não escolhi abrir um pão quente...  
ou um pronto a vestir...  
escolhi ser  
ajudante de compreender o mundo  
e isso  
não faz de mim melhor...  
faz-me melhor!

que ser professor  
é coisa de quem ousa fascinar-se...  
e  
quando se é professor...  
brilha nos olhos!

*Jorge Lima*  
Março 1993

# conhecer melhor...

## DESEQUILÍBRIO COM REDE

Fotografia: Teresa Siza\* • Texto: Carmo Serén\*



Escola Secundária nº1 de Matosinhos



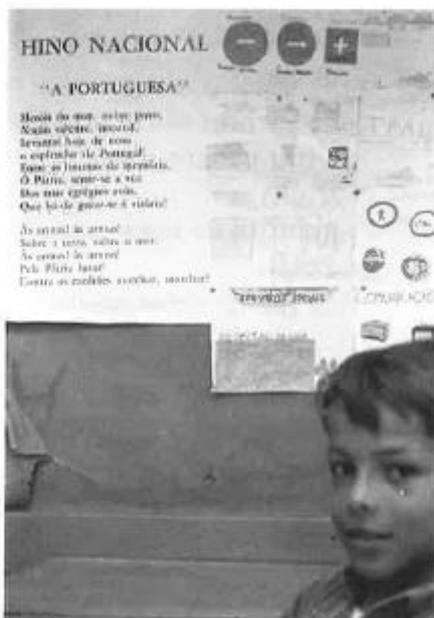
Escola Secundária de Augusto Gomes

É difícil avaliar o papel da educação e da cultura na sociedade pós-industrial.

Porque, se a escola se mantém como o «código genético» da sociedade, guardando ciosamente a sua invariância,



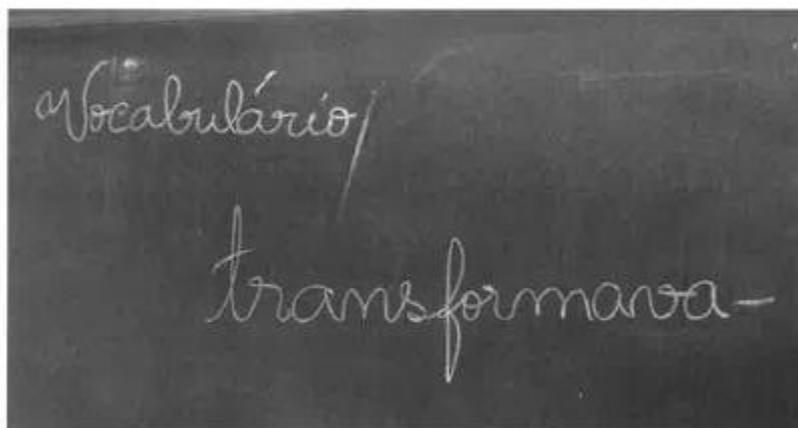
Escola Preparatória de Leça da Palmeira



Escola Primária do Godinho

deve, acima de tudo, conjugar-se o verbo no presente

Escola Primária do Godinho



convivendo com os outros,



Escola Preparatória de Matosinhos

ensaiando gestos,

Escola Preparatória de Leça da Palmeira



conhecendo a vida a sério.

Aprender, sim, a gerir as crises, as suas e as dos outros,  
a dizer que não

Escola de Ensino Integrado da Barranha



exuberantemente

Escola Primária dos Sinos



Escola Preparatória de Leça da Palmeira



Escola Secundária de Augusto Gomes

contemplativamente



Escola de Ensino Integrado da Barranha

com exactidão



Escola Primária dos Siros

Escola Secundária nº 1 de Matosinhos



ou, pelo menos,



Escola Secundária nº 1 de Matosinhos

fazer pela imagem



Escola Secundária de Augusto Gomes

Escola de Ensino Integrado da Barranha



E, sempre, sair do ghetto.

Mesmo que ele seja moderno e atraente.



Escola Preparatória de Leça da Palmeira

Para que a escola não seja apenas a rede que protege de todos os desequilíbrios.

A rede é a cultura; está sempre na rua, nas pedras, nos outros.



Escola Secundária de Leça da Palmeira

Aqui, na nossa terra é certo: debaixo do asfalto,

Escola Primária dos Sinos

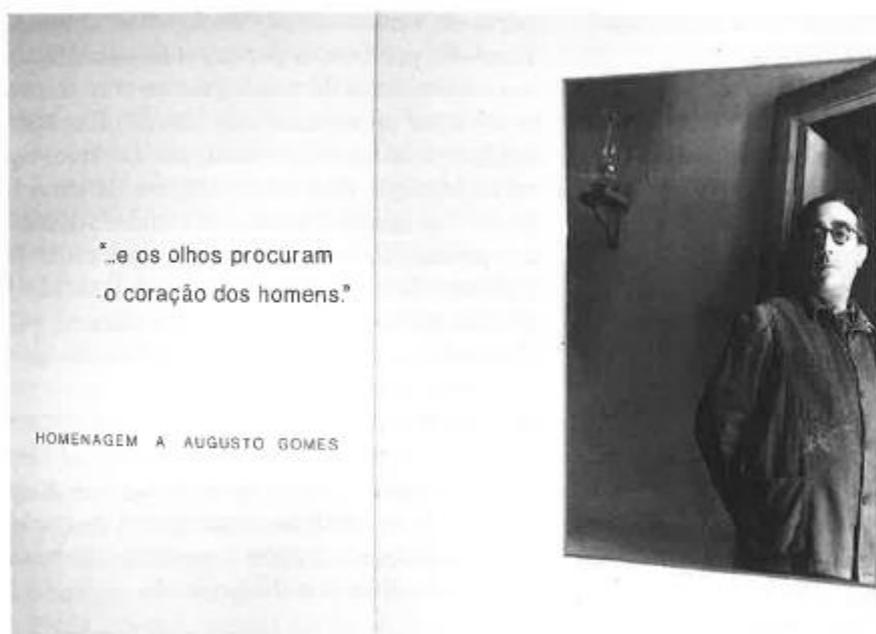


ali tão perto,



Jardim de Infância nº 2 de Leça da Palmeira

a praia.



Portada da Exposição «Homenagem a Augusto Gomes, 1991.

# ESCOLA SECUNDÁRIA DE AUGUSTO GOMES (MATOSINHOS)

**T**odas as escolas têm as suas memórias, as suas gavetas de experiências, marcos mais ou menos arbitrários que lembram os anos que passaram, onde perduram gestos, mentalidades e gerações.

Esta gaveta que abrimos começa em 1974 com uma Mostra de Arte Africana em colaboração com o CITAC e fecha com outra visita ao continente mítico, através da Exposição «Revisitar África», onde belíssimas fotografias de finais de século, de Cunha de Moraes, nos negam a versão de um colonialismo «soft», tão do nosso agrado. Pelo meio ficou o testemunho de 32 Exposições, algumas de grande esforço e entusiasmo: «A

Luta pela Democracia: 1910-1974» que trouxe à nossa Escola o Professor Ruy Luis Gomes, que assim se pretendia homenagear, aquelas duas encomendas da Câmara, mas da nossa inteira lavra, «Os Descobrimientos Portugueses e a Europa do Renascimento», em plena «17<sup>a</sup>», e «Fernando Pessoa: um homem e uma Época».

Recordemos ainda que tivemos uma Mostra de Jorge Molder com «Convivência — 23 Fotografias Azuis», quando este fotógrafo estava a caminho de ser o nosso maior representante; que, em Maio de 1987 fizemos «Dez Anos de Poder Local», que a Câmara iria adquirir e seria reexposto no Mercado Ferreira Borges.

E aquela experiência que suscitou 6 exposições sobre o período Barroco, que começou em Janeiro de 1989 com «Barroco, O Rebentar das Amarras», abrindo as comemorações do Ano Europeu do Barroco e terminou no Salão Nobre dos Paços do Concelho, à cunha, para se ouvir José Saramago e o Professor Dr. José Marques trazerem até nós os segredos, as contradições e as memórias dos barroquíssimos tempos de D. João V.

Tantas comemorações do 25 de Abril, tantas mostras da actividade dos alunos de Educação Visual, de Cerâmica, de Interdisciplinaridade como a da Educação Ambiental, Dia Mundial da Alimentação, aquela outra que se chamava «A Rua Brito Capelo: Um Levantamento Arquitectónico», um conjunto de actividades ligadas à «Semana Europeia: Um Circuito do Capital Cultural», em Maio de 1989, e que incluiu a exposição de 13 desenhos inéditos de Álvaro Siza respondendo ao tema proposto, «O Rapto da Europa». Ou então aquela casinha de madeira no Parque Basílio Teles onde se expunha «A Bacia do Rio Leça», abordagem multimédia de aspectos antropológicos, históricos, geográficos, geológicos, biológicos e ecológicos, desta atribulada bacia hidrográfica da nossa terra. Não esquecendo aquele Junho de 1991 em que construímos um espaço de confronto de ideias, A Rua Matosinhos, em que nos propunhamos com os nossos alunos dos novos planos curriculares e da área-escola, com os nossos clubes, com os nossos professores e funcionários, criar uma rua de 8 casas (construídas pelos alunos de artes, sob modelo das casas dos pescadores), com 8 actividades que iam desde uma agência de viagens, de dinamização de visitas para conhecer melhor Matosinhos, aos ateliers de cerâmica, serigrafia e pintura, passando pela casa dos horrores e chegando ao piano-bar mantido aberto dia e noite como espaço de convívio e de encontro com a comunidade. Como diria o nosso «Matosinhos, que lindo...! o mar... tanta luz ... e a quinta! ... O mar ... tanto mar ... e os barcos! Matosinhos azul ... que lindo! Mar, Matosinhos ... o rio ... e os esgotos .... Que cheiro ... que tripa ... que pena .... Que horror as casas amontoadas ... que pena!»

Afinal a escola é isto mesmo; não pode passar-se uma data com significação social sem que a escola tenha por obrigação explicitá-la, seja o Bicentenário da Revolução Francesa ou o cente-

nário da comemoração de Agatha Christie. Também por isso, e porque a escola não será nunca um local de passagem se comemoraram os 20 anos de memória da ESAG. Encontros com antigos alunos, hoje «mestres» na investigação, na pedagogia, nas artes; edições de uma litografia de Fernando Távora, do Guia da Escola, de um postal, de uma T-shirt com estampa de um desenho de Augusto Gomes, culminando na grande homenagem a Augusto Gomes, pintor de Matosinhos, com a 1ª exposição retrospectiva na Galeria da Câmara Municipal de Matosinhos, guiada/orientada por Fernando Pernes e com a inauguração do painel cerâmico, interpretação da uma obra do mestre Augusto Gomes, de autoria do nosso clube de cerâmica «... e os olhos procuram o coração dos homens», como diria Eugénio de Andrade.

Outras vezes são os alunos que tomam a iniciativa e dominam totalmente o acontecimento, como a oportuna Exposição sobre os «Direitos Humanos». E ainda «Tou saindo» e «Este beco sem saída», alerta sobre o nascimento e a Sida.

A gaveta das personalidades que vieram debater problemas ou dar-nos os seus pontos de vista liga-se a outras, pois nunca sucedem por acaso. Nos anos seguintes tivemos os «Encontros com Escritores», com José Gomes Ferreira, Fernando Namora, Sofia de Mello Breyner, Eugénio de Andrade, Agustina Bessa Luís; e depois Mário Cláudio. Vitorino Magalhães Godinho e o Professor Miller Guerra vieram debater «A Escola Democrática» em 1979, José Augusto Seabra comentou Fernando Pessoa, no mesmo ano. E a Engenheira Maria de Lurdes Pintassilgo dirigiu um debate sobre o «Sistema Educativo» em 1982. Debateram, na nossa escola, problemas de Arquitectura o Arquitecto Álvaro Siza («Uma intervenção em Berlim», 1984), o Arquitecto Alcino Soutinho, («O novo edifício dos Paços de Concelho de Matosinhos», 1985), o Arquitecto José Salgado («A Evolução Urbana de Matosinhos», 1987), o Arquitecto Nuno Portas («Espaço urbano e arquitectura barroca», 1989). Temas de literatura, Eugénio de Andrade — com leitura de poemas por Eunice Munoz — («Encontro com Fernando Pessoa», 1985), Lawrence Kinsman («O mito da fronteira na cultura norte-americana», 1987), Mário Cláudio («O que é a Literatura?», 1988), Dr.<sup>a</sup> Estela Lamas («A Literatura Barroca», 1989); Ciência e

Metodologia Científica, Thomas Riepenhausen, («Uma quinta biológica na Alemanha», 1987), Dr.ª Maria Ângela de Sousa, («Mundos Reais», 1986), Prof. Jaime Araújo Moreira, («Newton, o projecto de uma Vida», 1989), Prof. Dr. António Augusto Lopes, («A matemática do período barroco: José Anastácio da Cunha, estrela no firmamento matemático português do séc. XVIII», 1989), Dr. Rui Gonçalves, «Uma experiência de investigação», As «Sexualidades» tiveram a colaboração do Dr. Albino Aroso («Educação Sexual para Jovens», 1979), o Dr. Teixeira de Sousa («A adolescência e a sexualidade», 1989 e de novo em 1990).

No nosso dicionário pedagógico figuram ainda Encontros com Frei José Paiva, («O Ano Mariano e a Mariologia», 1987), com Miguel Esteves Cardoso («Portugal e a Europa da C.E.E.», 1989), com Aurora Cunha («O Desporto de Alta Competição», 1989), com representantes da Amnistia Internacional, e as lições de Arte do Arquitecto Távora e aqueles artistas que repetidamente integram a realização do «Prémio Nacional de Pintura Juvenil Augusto Gomes», com o entusiasmo que Mestre Júlio Resende soube sempre inculcar.

A gaveta da Música traz-nos Recitais desde 1978/9, Manuela Gouveia e Helena Costa, o Coro do Orfeão de Matosinhos, um concerto de Olga Pratz, Fernanda Correia e Fernando Jorge Azevedo, na comemoração dos 75 anos de Mestre Lopes Graça, a Semana

Wagner/Brahms, com Mestre J. Atalaya, concertos com Fernando J. Azevedo, Isabel Delerue, José Delerue, Palmira Troufa e Helena Costa; ainda nesse ano de 1984 um concerto de Jazz com António Pinho Vargas. Em 85 três sessões («As correntes do séc. XX: Impressionismo») com o Maestro Candido Lima, Olavo Tengner, Irene Bessa, António Pinho Vargas e José Nogueira. Em 1988 e 1990 concertos pelos «Pacific».

A gaveta das actividades teatrais era pequena: espectáculo do «Ventolão», de Pé de Vento e o do grupo sindicalista checoslovaco «Loutke-Fantoches», respectivamente em 1979 e 1985. Mas agora a animação teatral de Alexandre Falcão forneceu-nos algumas das actividades que mais alegria nos dão, seja o «Casamento da Rainha D. Leonor», seja a rapsódia sobre a Reforma Educativa, que ficará como um marco nas realizações teatrais desta escola.

As iniciativas desportivas são bem conhecidas no concelho, nos últimos anos, já que em 1989 1990 e até hoje se organizam os jogos do Atlântico e o Corta-mato distrital. Lembram-se que em 1983, no 25 de Abril, a Rosa Mota esteve cá para acompanhar a nossa Mini-Maratona?

Temos Intercâmbios escolares permanentes com escolas de Bordéus e Merignac e visitas anuais de uma Escola Secundária de Nantes-la Jolie, dos arredores de Paris; em 1990 também participamos no projecto Euroescola, de Estrasburgo.

Temos também uma actividade editorial regular, que alimenta a nossa memória e a daqueles que nos visitam, dois números da Revista *Ensaio*, edições de calendários (1989 e 1991) reproduzindo obras de Augusto Gomes e dos premiados do Prémio Juvenil com o mesmo nome; colecções de postais (1987, 1991) respondendo ao mesmo objectivo de divulgação dos premiados; a edição da gravura «O Rapto da Europa» de Álvaro Siza e de um original do Arquitecto Távora, oferecidas pelos respectivos autores, o opúsculo de Maria do Carmo Serén «A dimensão europeia: um circuito da capital cultural» e da obra «JÚLIO RESENDE: contrariando um estado de coisas», de 1987.

Fica-se pelo sonho, fica na nossa memória o belo projecto tão cheio de significação para todos nós e para Matosinhos da edição da 1ª obra sobre Mestre Augusto Gomes.

E, como todas as escolas temos comemorações anuais, torneios desportivos, clubes de funcionamento regular, sessões de cinema e vídeo, gravações de trabalhos em vídeo, algumas passagens de modelos bem conseguidas e uma ou outra actividade extraordinária como a observação com aparelho adequado da passagem do cometa Halley (1986) e organização de uma manifestação de rua para alertar a população sobre os problemas de um caso local («A Fábrica da Tripa»).

Nestes últimos anos temos vivido a Experiência dos Novos Programas, empenhamo-nos na Área-Escola e chegamos a tentar o trabalho de projecto. Temos um tema vasto e ambicioso: «SALVAR A TER A, SALVAR O HOMEM». Não o fazemos por menos. Não era D. João de Castro que dizia, «quero-me com gente de Matosinhos»?

Extraído do Historial da Escola Secundária de Augusto Gomes — Matosinhos.

# opinião

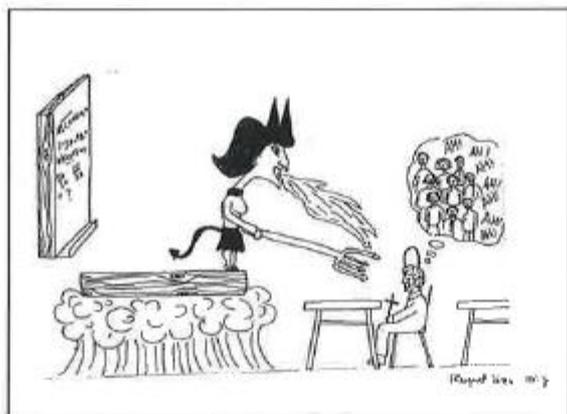
## O PROFESSOR À VISTA DESARMADA

O artigo cuja leitura inicia neste momento é de alto risco! Não deve ser lido por crianças ou professores impressionáveis e muito menos por professores que tenham a imagem do professor em muito boa conta.

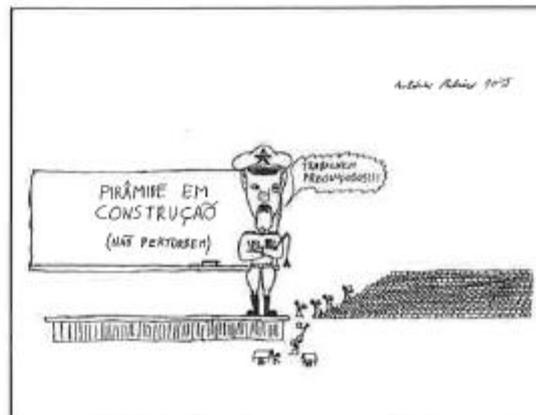
Foi um repto que lançámos a colegas artistas plásticos do nosso concelho — «elaborar o retrato-robot do professor».

Mas não reside aí a parte «chocante» deste artigo! É que, de seguida, formulámos esse repto, também, a alunos de 9º, 10º, e 11º anos de uma escola do nosso concelho!

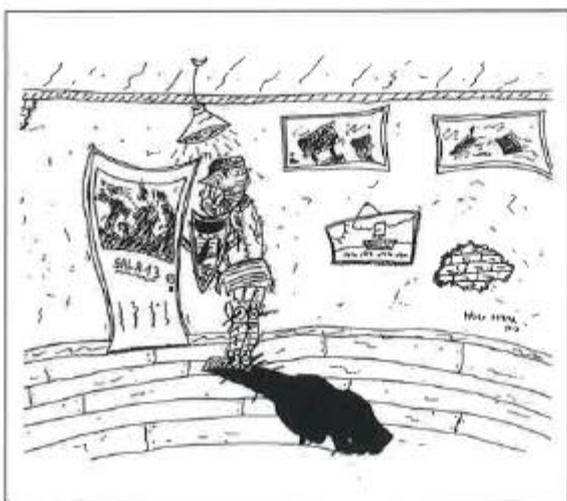
Preparem-se, portanto, para uma experiência «impressionante» e «demolidora». Deverão, depois da leitura deste artigo, fazer um descanso prolongado, uma cura nas termas ou coisa assim! O PRÓfessor promete voltar a este assunto nos próximos números. Boa sorte!



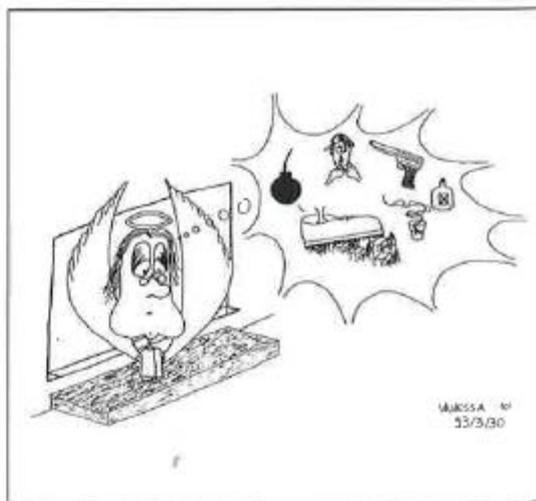
Raquel Siza, 10º J • Escola Secundária de Augusto Gomes



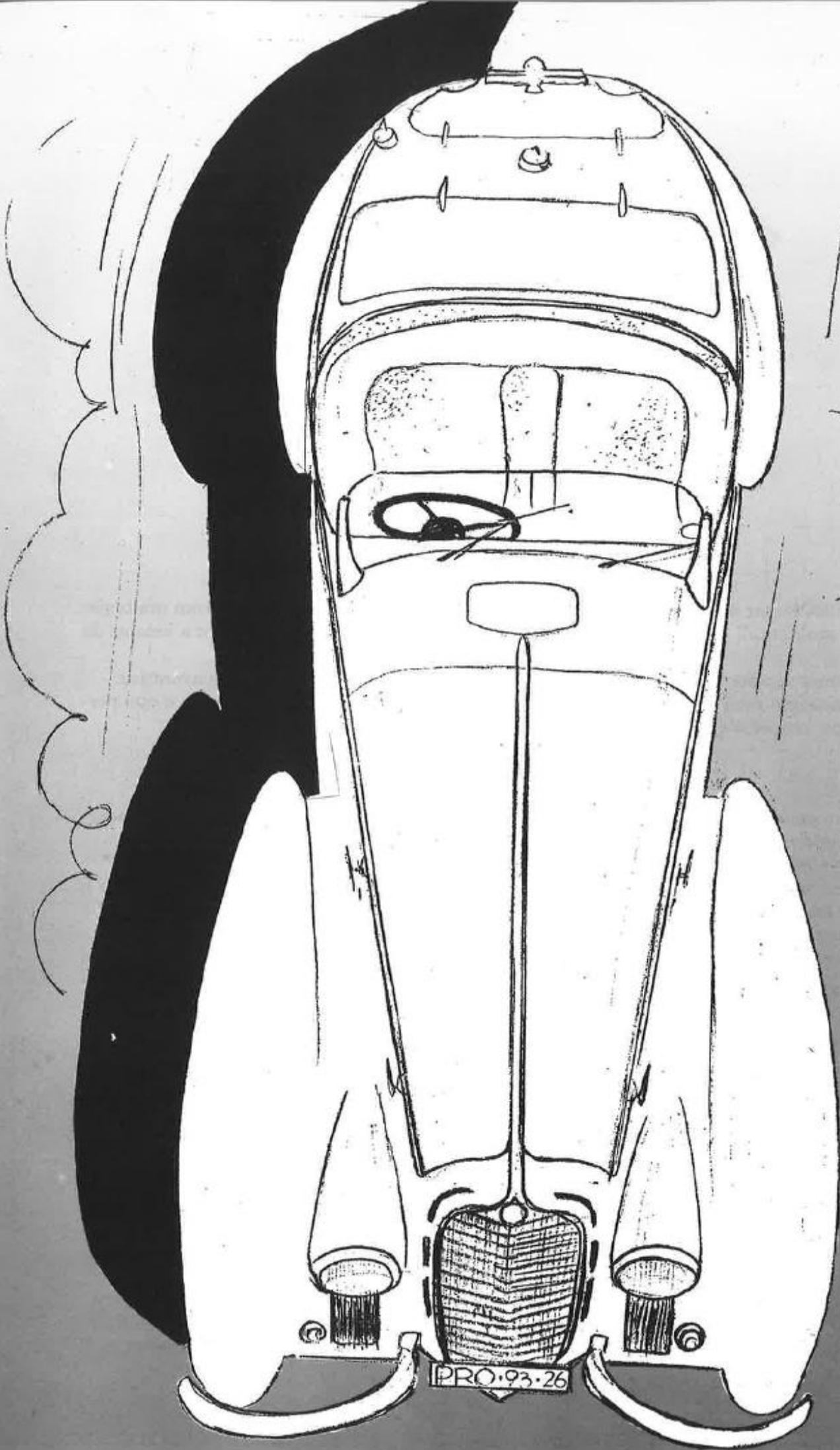
António Ribeiro, 10º J • Escola Secundária de Augusto Gomes



Hugo Piteira, 10º J • Escola Secundária de Augusto Gomes



Vanessa Magalhães, 10º J • Escola Secundária de Augusto Gomes





O 1º Troféu PRÓfessor é uma actividade de carácter lúdico, de confraternização, com um toque de educação ambiental, divertido, destinado a todos os professores que pertencem a escolas do PRÓfessor.

É realizado uma vez por ano apresentando algumas características de verde e de aventura.

À equipa vencedora será entregue o Troféu PRÓfessor que ficará exposto na escola a que pertence a equipa vencedora, até ao ano seguinte.

### **O Troféu**

Peça em ferro ou bronze e mármore, a escolher entre as obras que se apresentarem a concurso, especialmente aberto para o efeito entre os artistas plásticos do concelho.

Peça simples e adequada ao nome que ostenta tanto no tamanho como nas intenções.

Existirão dois modelos — um maior que será entregue todos os anos à equipa vencedora e réplicas que serão entregues, em cada ano, aos membros das equipas que ficarem em 1º, 2º e 3º lugares, bem como à Escola que deixar de estar de posse do Troféu.

O Troféu deste ano apresentará a forma de um rallie-cassette, com características de verde e de aventura.

### **Público-alvo**

Docentes de educação e educadores de infância de escolas que pertencem ao Centro.

### **Data**

26 DE JULHO

### **Equipas concorrentes**

- Nº máximo: 50
- Nº de elementos por equipa: 4
- Composição: professores pertencentes à mesma escola

### **Patrocínios**

- Aqueles que tiverem «pachorra» de arranjar

### **Traços gerais das tarefas**

- Muitas parvoíces
- «Atentados» à inteligência
- Um puxãozinho de esforço e suor monte acima

### **Equipamento mínimo**

- Automóvel, sapatilhas,  
leitor de cassettes portátil

### **Apuramento dos vencedores**

- Por pontos  
obtidos nas tarefas, «maldades» e coisas assim...

### **Entrega dos prémios**

- Numa discoteca  
nessa noite  
contratada só para nós,  
com música dos anos 60  
e roupa a condizer!

### **Trajecto**

- Sigiloso
- Do pior
- Antes quebrar que torcer
- Do estilo...  
«parece que é por ali»...  
mas não é
- De bússula...

### **Inscrições**

- Impresso próprio (anexo)  
indicando marca, modelo e cor do carro,  
chefe da equipa,  
nome de «guerra» da equipa  
nomes dos elementos, moradas e telefone,  
mascote
- Jóia de inscrição: 1.000\$00
- Até ao dia  
30 DE JUNHO

**DESTA FILM-SE!!!!**



**B O L E T I M   D E   I N S C R I Ç Ã O**

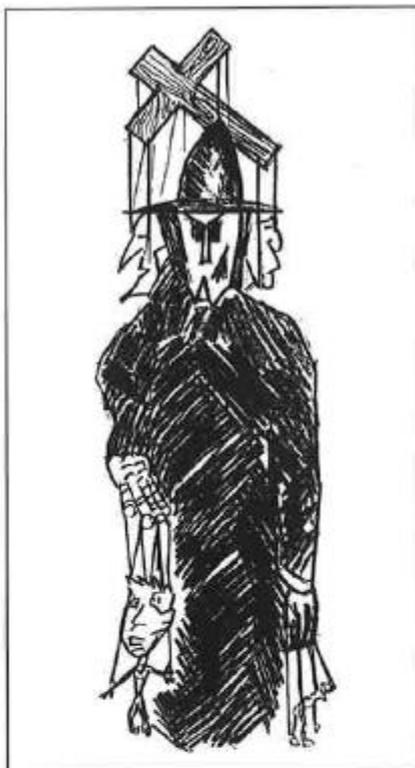
<b>1. Nome de «guerra» da equipa.....</b>
<b>2. Mascote .....</b>
<b>3. Escola .....</b>
<b>4. «Chefe» da equipa.....</b>
<b>5. Morada e telefone do «Chefe» .....</b>
<b>6. Os «outros elementos».....</b>
<b>7. Marca do automóvel.....</b>
<b>... modelo.....</b>
<b>... cor .....</b>
Data ..... Nº .....
Assinatura .....



Carla Soares, 11º K • Escola Secundária de Augusto Gomes



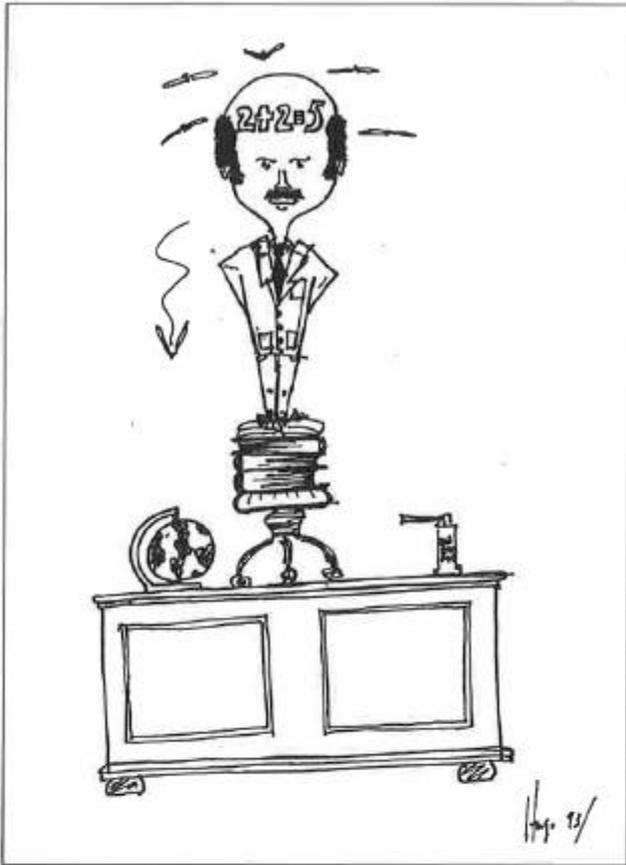
Pedro Gaio, 9º I • Escola Secundária de Augusto Gomes



Eurico Fernandes, 11º K • Escola Secundária de Augusto Gomes



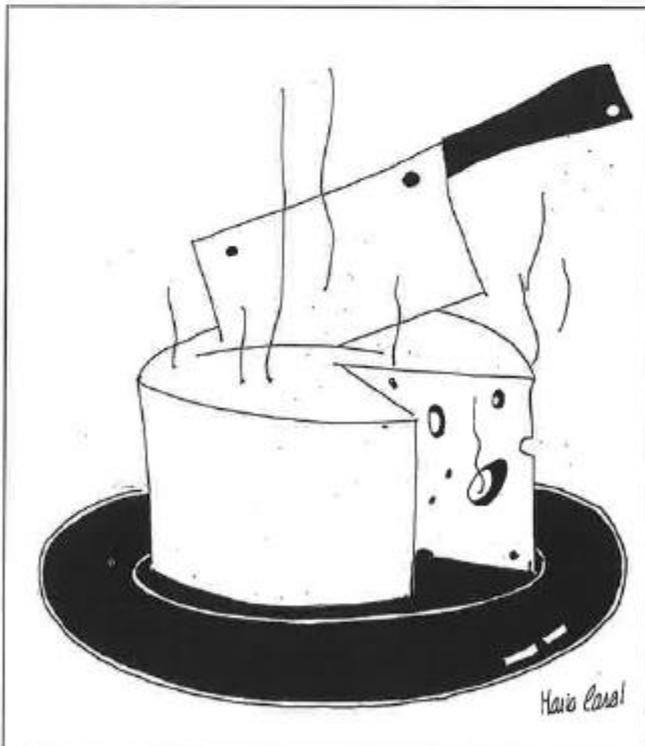
Pedro Lopes, 11º K • Escola Secundária de Augusto Gomes



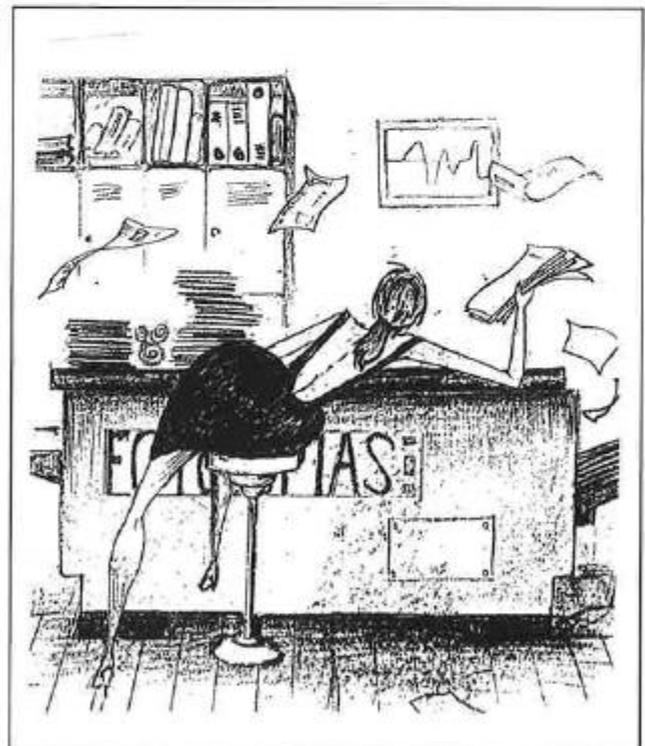
Hugo Torres, 11º K • Escola Secundária de Augusto Gomes



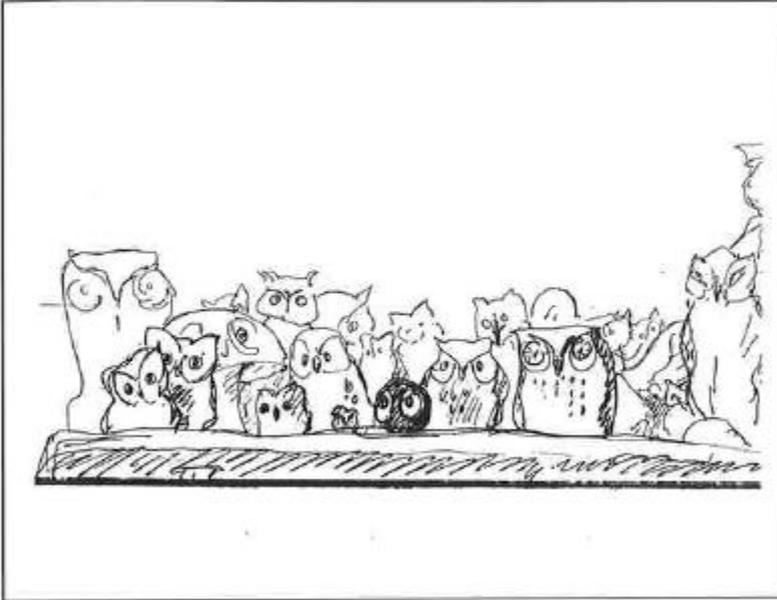
Ivone Sobral, 11º K • Escola Secundária de Augusto Gomes



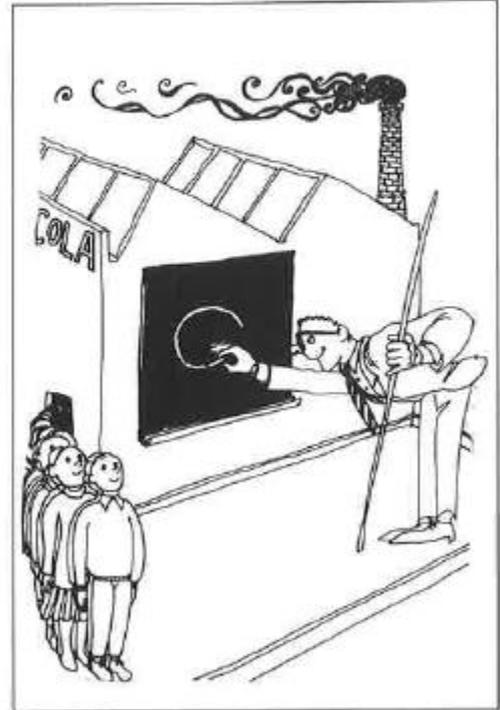
Maria Leonor Casal, 11º K • Escola Secundária de Augusto Gomes



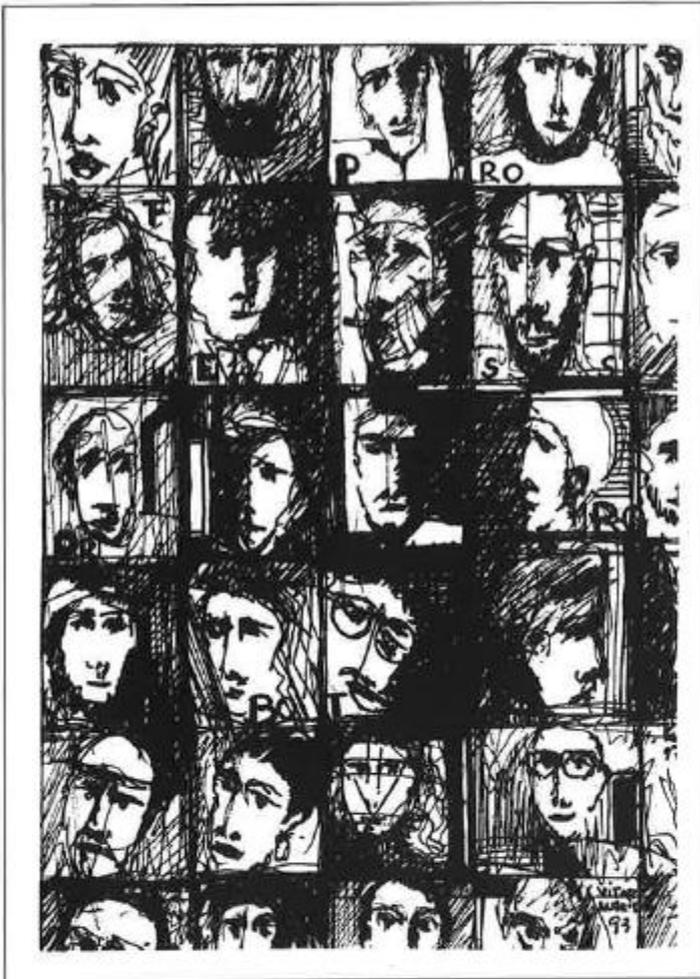
Pedro Lopes, 11º K • Escola Secundária de Augusto Gomes



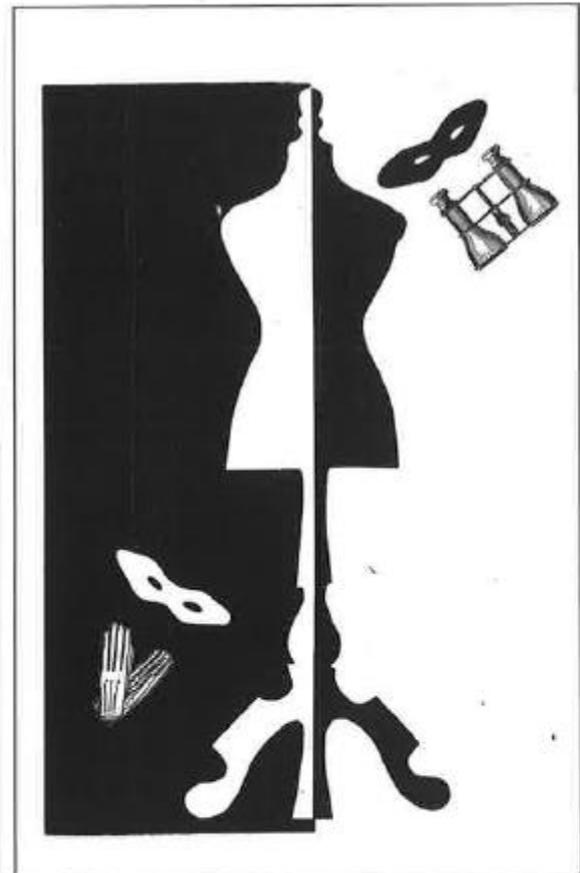
Paula Petiz • Ex-professora • Arquitecta



Fernando Pinto Coelho • Professor • Arquitecto



Vitor Almeida • Professor • Pintor



Helena Teles Viana • Professora • Pintora



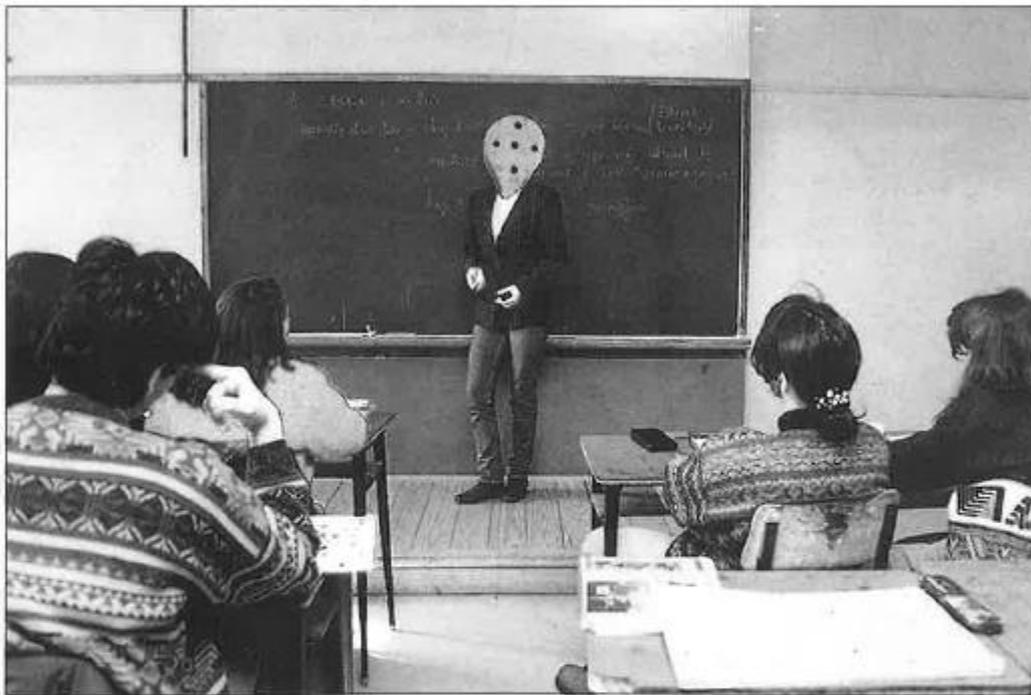
QUANTO MAIS O PROFESSOR  
SE AGACHA, MAIS CRÉDITOS  
SE LHE VEEM



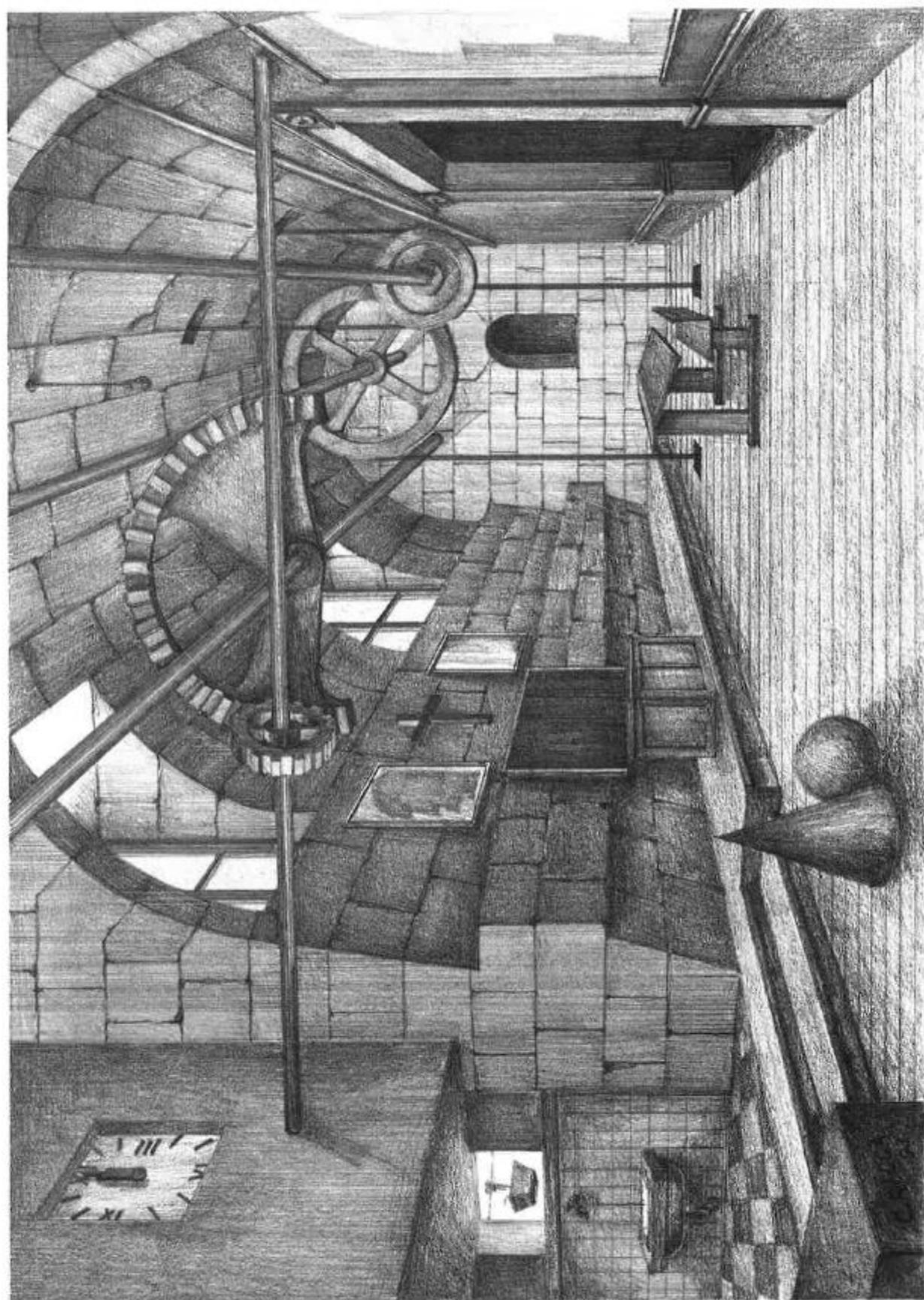
Alexandre Falcão • Professor • Pintor



João Viana • Professor • Pintor



Teresa Siza • Professora • Fotógrafa



Cláudio Ricca • Professor • Arquitecto

# A ESCOLA, AMANHÃ

António Coutinho\*

**A**s presentes reflexões não pretendem propagandear a afirmação, tornada lugar comum, de que o Futuro do país está na Educação. Mais do que isso, pretendem demonstrar, concretizando, aquilo que no discurso oficial ou para-oficial, não tem passado de uma abstracção que perde sentido, na exacta proporção da sua crescente e inóqua afirmação.

Assim, parece não suscitar reparos de grande monta, a afirmação segundo a qual país sem Educação não é país livre; antes, foco de conflitualidade activa que se traduz na multiplicidade de pequenas grandes «guerras» que consomem energias e, por vezes, se traduzem em desvios intencionais de expectativas da nação.

De igual modo, não provoca juízos reticentes a afirmação que aponta no sentido de que uma parte substancial do bem estar de um povo resulta do nível cultural que ele pode atingir.

\* Licenciado em História.

Ora, a pretensão, *hic et hunc*, vai exactamente no sentido de que a Escola, como instituição multifacetada, tem de ser deixada à sua própria dinâmica; e, o seu funcionamento, tem de repousar, em essência, no papel que professores e alunos nela quiserem assumir, depois de rasgados os espartilhos que os poderes lhe impõem. Às escolas, como a outras instituições — hospitais e tribunais — deverá, tão somente, impôr-se normas de organização e funcionamento. O resto, que é muito e o mais importante, repousará na própria comunidade escolar, onde avultam os professores, que, mau grado muitos dos desvarios de orientação tutelar, são hoje, como ontem, os referentes primeiros da Educação.

E, assim, não restarão dúvidas que, quando cada grupo ou disciplina, tiver autonomia suficiente para elaborar os seus próprios programas curriculares, moldando-os a coordenadas espaço-temporais específicas, ter-se-á encontrado forma de dar aos alunos os

conhecimentos e os princípios que os tornarão prudentes. Da serra ao mar. E será essa «*prudentia*», no sentido romanístico do termo, entendida como ponderação e bom senso, que evitará, nos Tribunais, grande parte do crime formigueiro, que desgasta gentes e consome dinheiro; que porá termo à sobrançeria dos funcionários para quem, tantas vezes, outros coadjuvantes da administração da Justiça, não passam de empecilhos ao resfolegar breve das repartições; que fará o cidadão respeitar as instituições, porque delas recebe o mesmo respeito, como sujeito em que se cruzam obrigações e direitos.

Nos hospitais, e pelas mesmas razões, descerão os médicos do seu estatuto de heróis na desgraça, plantados entre os cidadãos sofredores e os deuses; do mesmo modo, deixar-se-á de pensar a desumanidade das nossas urgências, como fruto da cristalização de profissionais, habituados à dor.

No desporto, diluir-se-ão, por certo, os traços de tribo que con-torna a clubite e o fanatismo deixar-se-á de ser semente de violência.

Na política, urdir-se-á, mais cuidadosamente, a trama da manipulação. Não que não seja essa arma ancestral na tentativa de governar a «*polis*»; mas porque o povo, ora prudente, saberá, a cada men-

tira, fazer entender aos «notáveis» que mentir ao povo é crime de alta traição. E punirá.

Por fim, os hábitos de cuspir no chão, semear lixo, transformar recantos em magnânimos quartos de banho públicos ou «sacralizar» o palavrão, deixarão de ser entendidos como fruto de uma mentalidade que não é nossa pertença exclusiva.

Dir-se-á, também, que tal objectivo só será possível quando levado a cabo por professores para tal qualificados. Certo. Mas, que é ser-se qualificado? Não será, tão só, qualificado aquele que for o repositório de saber que transmite como fórmula acabada. Será, também, aquele que for capaz de entender e partilhar problemas que não são os seus, com sentido de disponibilidade. Ora, essa disponibilidade não será nunca possível, enquanto o professor for castrado pelo receio da tutela e pela insegurança que lhe advém dum teia de deveres, que lhe exigem, de fora para dentro.

Neste sentido, e na hipótese de assumir e respeitar como dogma toda a imposição, jamais teremos o Professor qualificado e o sucesso da Reforma. É que, ser Professor depende também de emoção que só se exercita, plenamente, em liberdade e segurança.

# à conversa com ...

## TERESA SIZA



John Phillips, Porto, 1990

Nasceu em Matosinhos, em 1948.

Licenciatura em Filosofia.

Professora de Filosofia na Escola Secundária de Augusto Gomes, em Matosinhos.

Professora do Curso Superior de Fotografia da Arvore, no Porto, de 1984 a 1989 e no Centro de Estudos de Fotografia, em

Coimbra, desde 1991. Directora-adjunta dos Encontros de Fotografia de Coimbra.

Colaboração em vários jornais e revistas, com artigos de crítica fotográfica, participação em colóquios e conferências.

Fotografias publicadas em várias revistas portuguesas e estrangeiras.

**PERGUNTA** — Filosofia e fotografia têm algo em comum?

**RESPOSTA** — A inicial e a terminação... Não, fora de gozo, creio que têm em comum uma grande atenção posta no real, filtrado pela rede do simbólico, ou seja, da cultura, que o transforma em representação.

**P.** — A fotografia é um escape para a Teresa professora ou o contrário?

**R.** — Nem por sombras uma coisa nem outra! Tenho demasiado respeito pela fotografia e pelo ensino para me

servir de uma ou outro como escape.

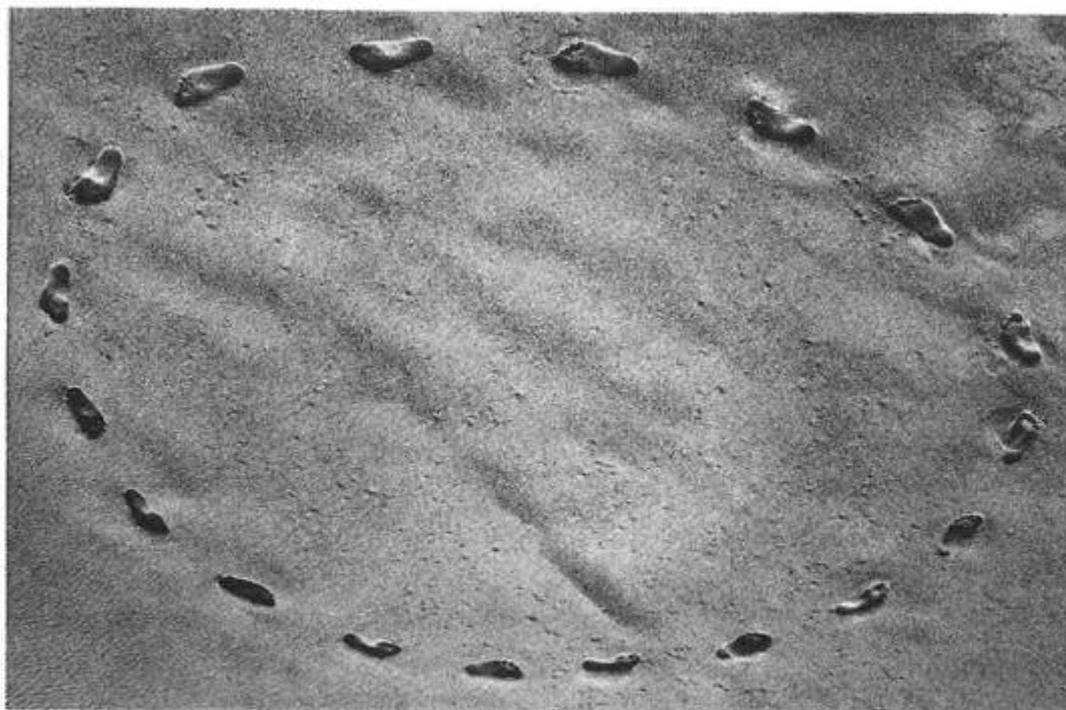
**P.** — Fotografia ensina-se ou aprende-se?

**R.** — É razoavelmente fácil ensinar (e aprender) os gestos da fotografia: quase diria fácil demais... Depois disso, estás entregue a ti próprio; o que a isso acrescentas é que é interessante.

**P.** — Há lugar, no nosso sistema educativo, para a fotografia?

**R.** — Um lugar muito considerável. Para não falar das dimensões pragmáticas, que

Teresa Siza — Rum, 1191.



são óbvias, a fotografia no ensino apela para um modo de representação acentuadamente tecnológica, com as características que aponte na resposta 1, conjugado com um fazer artesanal, no laboratório, para um «meter as mãos nas tintas» que não gostaria de ver perder-se.

**P.** — Com toda a experiência que tens de fotografia não temes ficar ou já ter uma visão fotográfica da vida?

**R.** — Não — quem tem medo, compra um cão!

**P.** — Quando espreitas pela ocular da câmara a visão que tens do mundo não fica limitada pelas técnicas que tens que utilizar para fotografar?

**R.** — Não é muito lisonjeiro o verbo «espreitar»... e já se exagerou demasiado esta vertente «peep-show» da fotografia! Quanto ao resto, não, nem penso nisso. Ou quando penso, é porque estou a fazer uma fotografia que tem pouco a ver comigo.

**P.** — Se questionássemos as pessoas na rua sobre se a fotografia é uma arte, quantas achas que responderiam que sim?

**R.** — Já há muito tempo que a questão de saber se a fotografia é arte ou não deixou de interessar...

**P.** — Dá-me três motivos para me iniciar na fotografia sendo eu português, professor, casado, dois filhos, 37 anos de idade, um pouco míope (até), cansado de televisão, amante de música e de passeios à beira mar.

**R.** — Não queiras fazer com que a fotografia resolva os montes de chatices em que te meteste...

**P.** — Qual dos ministros da educação, que por aí passaram, o que achas mais fotogénico e o que achas menos fotogénico?

**R.** — Definitivamente, o Sottomayor Cardia, porque era extraordinariamente parecido com o Rufino Fino Filho do «Pátio das Cantigas». Os outros, são sempre tão efémeros que nem me lembro das caras deles...

**P.** — Descreve-nos a fotografia de que sempre andaste à procura e que ainda não conseguiste tirar.

**R.** — Isto é uma «conversa com...» ou um divã de psicanalista?

# Se ainda não sabe T E M Q U E L E R

## JÁ SÃO FINANCIÁVEIS AS ACÇÕES DE 30 HORAS

**A**caba de chegar às nossas mãos, via subgestão regional do FOCO, a indicação de que o número mínimo de horas de formação elegíveis no âmbito da medida 1.3 (FOCO) passa a ser de 30 horas.

Isto para dizer que o Programa FOCO passa a poder financiar acções de 30 horas, enquanto que, até agora, o número mínimo era de 60.

Aqui está uma notícia de interesse para os nossos candidatos a formadores.

## QUARTAS-FEIRAS À NOITE... EM JUNHO!

**A** pesar do nosso plano de formação ainda estar em fase de implementação a Comissão Pedagógica decidiu, em reunião de 17 de Maio, começar, desde já, o processo da sua remodelação para que sirva cada vez melhor os interesses de formação de cada um e de todos os professores do nosso Centro.

Nesse sentido foi definida a estratégia seguinte:

- apostar em novas modalidades de formação (tais

como projectos, estágios e círculos de estudos);  
— auscultar directamente os professores do Centro em mesas redondas, designadas «Quartas-Feiras à Noite... em Junho!», a realizar nas novas instalações do Centro e que contarão com a presença de:

- ★ Pré-primário — Director do PRÓfessor, 1 membro da CP, 1 membro da equipa do Director, 1 formador da área, 6 formandos seleccionados ao acaso na nossa base de dados;
- ★ 1º Ciclo — Director do PRÓfessor, 1 membro da CP, 1 membro da equipa do Director, 1 formador da área, 6 formandos seleccionados ao acaso na nossa base de dados;
- ★ 2º, 3º Ciclos — Director do PRÓfessor, 1 membro da CP, 1 membro da equipa do Director, 1 formador da área, 6 formandos de diferentes áreas disciplinares seleccionados ao acaso na nossa base de dados;
- ★ Secundário — Director

do PRÓfessor, 1 membro da CP, 1 membro da equipa do Director, 1 formador da área, 6 formandos de diferentes áreas disciplinares seleccionados ao acaso na nossa base de dados.

## TEMAS DE HISTÓRIA

10º ANO



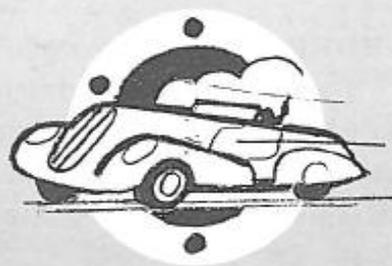
**A** caba de ser publicado, pelas Edições ASA, o manual *Temas de História* para o 10º ano do Ensino Secundário da disciplina de História, da autoria dos nossos colegas António Coutinho e Maria do Carmo Serén, professores da Escola Secundária Augusto Gomes.

# é lei... é lei

**N**o artigo 5º do Dec. Regul. nº 29/92, de 9/11, considera-se que o professor não teve acesso à formação desde que comprove que, ao longo do módulo de tempo de serviço no escalão em que se encontra, não lhe foram facultadas em **área de formação adequada** e na **área geográfica da escola** a que pertence as acções de formação gratuitas necessárias à progressão na carreira.

Muitas dúvidas se têm sobre a noção de «área de formação adequada» e «área geográfica». Recebemos do Subgestor Regional, Dr. Valdemar Almeida, esclarecimento sobre este assunto:

- I. **Área de formação adequada** — deve englobar toda a formação ligada às Ciências de Educação, às didácticas e às ciências da especialidade que constituam matéria de ensino nos vários níveis, bem como toda a formação requerida pelo desenvolvimento do sistema educativo.
- II. **Área geográfica da escola a que pertence** — aquela que coincide com a do concelho, nos termos em que se estabeleceu para a constituição dos centros de formação. Considerando que «área» significa uma superfície compreendida dentro de certos limites, julgamos que, e para esse efeito, poderemos ainda entender o seguinte:
  1. Área geográfica mínima — aquela que coincide com a do concelho;
  2. Área geográfica máxima — aquela que coincide com a do conjunto de concelhos integrados no mesmo centro de formação.
- III. O professor que não teve acesso à formação deverá comprovar este facto, certificado pela Direcção Regional de Educação competente.



Cofinanciada pelo Fundo Social Europeu